

## Marcelo da Veiga: o poeta e a terra<sup>1</sup>

Inocência Mata<sup>i</sup>

### 1. O homem, a poesia e a vida

A vida e a poesia confundem-se em Marcelo da Veiga de tal forma que se pode dizer que se está na presença de, pelo menos, dois poetas: um poeta lírico e um outro de poesia *engagée*. Isso porque Marcelo da Veiga é um poeta **multifacetado** cuja poesia foi, ao longo das seis décadas em que escreveu, revelando matrizes diferentes, manifestas no modo de expressão formal: ora lírico, ora narrativo, ora dramático. Isto é: ora uma poesia de amor e amizade, ora uma poesia sobre a realidade social colonial ora ainda uma poesia sobre a cultura e a terra, representadas através de uma retórica de eloquência oratória e teatral.

É autor de apenas um livro. *O Canto do Ossôbó*, postumamente publicado em 1989, contendo trezentos e quarenta e quatro poemas - tantos quantos o espólio literário que se conhece e que chegou às mãos de Manuel Ferreira (falecido em 1992), através (segundo informação contida na nota da organização)<sup>2</sup> da viúva, D. Maria Luísa Sequeira Pinto Veiga da Mata e filhos, com especial destaque nesses contactos para a filha Senhora Casimiro (eram vinte cadernos de 20-60 páginas maioritariamente manuscritos e organizados).

Tem poesia dispersa, que se restringe quase à colaboração que prestou em *Correio d'África* (nos anos 20) numa secção literária intitulada "Torre de Ébano", onde, para além de Marcelo da Veiga, publicaram também Caetano da Costa Alegre postumamente, Herculano Levy e Mário Domingues. Mas a sua poesia é modernamente conhecida através das antologias *Poetas de São Tomé e Príncipe* (1963) e *No Reino de Caliban* (1976).

Mas começando pelo princípio, **Manuel Francisco Veiga da Mata** nasceu na ilha do Príncipe a 3 de Outubro de 1892, tendo falecido em S. Tomé a 3 de Março de 1976. Pai de seis filhos (todos nascidos na ilha do Príncipe), era filho de João Veiga de Almeida e de Maria da Cruz Mata Almeida. Com apenas onze anos viajou para Portugal onde estudou no Colégio Calipolense, no Liceu Pedro Neves e no Liceu Passos Manuel. Segundo informação da sua filha, Senhora Casimiro, terá frequentado as Faculdades de Medicina e de Direito<sup>3</sup>.

Em 1928 (aos 36 anos), empreende uma das suas mais longas permanências na sua ilha (pelo menos até 1959), para se dedicar à exploração da sua roça (creio que a Roça de Omomó, situada entre a roça de seu primo Simão da Mata e a Roça Nova Cuba), roça ainda hoje na posse de seus descendentes, (regressará outras vezes à ilha natal, em 1960, quando é posto em liberdade em Luanda, em 1971 e em 1973). Em 19 de Agosto de 1959 é preso em São Tomé pela PIDE, sendo a causa imediata dessa prisão o veemente poema "A África é nossa", escrito já em 1935, mas engavetado e só "descoberto" em 1959. Mas, de facto, a sua prisão e deportação para Luanda dever-se-á à sua participação no movimento de denúncia da situação do país, da monocultura do cacau e do café e do regime do contrato sistema que da escravatura só diferia na designação e no estatuto político. Em Luana será julgado

em Tribunal Militar, de onde sairá em liberdade e regressará ao Príncipe em 1960. É da prisão em São Tomé (cadeia Civil) o seu belíssimo metapoema “A minha pena”:

A minha pena

A minha pena é meu machado, com ela  
Desbravo a mata hirsuta, secular,  
Pra que, em torrente, a luz  
Nela jorre e o ar.

A minha pena é minha enxada, com ela  
Cavo a terra dura onde o grão  
Há-de surgir em messe  
Há-de ficar em pão.

A minha pena é meu clarim, com ela  
Grito na noite incerta  
Aos que vão sem arrimo, como párias:  
Alerta! Alerta! Alerta!

Cadeia Civil de S. Tomé  
Outubro de 1959

Todavia, a maior parte dos seus poemas, escrevê-los-á em Portugal (Amadora), segundo datação feita pelo próprio nos cadernos deixados. Não admira, pois, que *O Canto do Ossôbó* tenha sido patrocinado pela Câmara Municipal da Amadora (para além do Instituto Português do Livro e da Leitura), numa homenagem àquele que, de 1962 a 1971, morou na Avenida de Lourenço Marques, nº 22, à Amadora.

## 2. O círculo de amizades

Conviveu com várias figuras, eminentes políticos e intelectuais são-tomenses, tais como Francisco José Tenreiro, Mário Domingues, Eng<sup>o</sup> Pascoal Pires dos Santos, Pascoal de Almeida, João de Castro, Eng<sup>o</sup>. Salustino da Graça do Espírito Santo, Januário da Graça do Espírito Santo, João Santa Rosa, João Catarino Duarte... Figuras incontornáveis do nacionalismo são-tomense e africano, processo em que a participação da elite são-tomense (dos “filhos-da-terra”) foi muito importante. Figuras a quem Marcelo da Veiga dedica inúmeros poemas, de cariz nacionalista, em que figuras e sujeitos poéticos dos poemas, funcionando como interlocutores na verberação da situação colonial, ou, apenas, do *status quo*, se constituem como metáforas de efeito ideológico.

FRANCISCO TENREIRO

A vida vale pelo vinho e a esperança  
Que a fazem promessa desde criança  
Mas flor já e já pronunciando o fruto  
Eis o aguilão  
E ei-la no chão  
E em vez de gala em seu lugar o luto  
A tua morte faz cismar  
Meu leão!  
A folha seca cai no chão  
E há razão!  
Mas da haste verde despegar

É que não!  
Destino? Não! Mistério...  
Mas mistério o que é que significa?  
Mistério! e mistério em mistério fica  
No mudo e frio chão do cemitério...  
A tua morte  
Meu leão!

“Falecido na passagem do  
ano de 63 para 64” (N.A.)  
09.06.64

Ou essoutro “A João Santa Rosa”

O preto é bola  
É pim-pam-pum!  
Vem um:  
- Zás! Na cachola.  
- Outro – um chut – bum!

“Aqui d’el-rei”  
Grita ele louco.  
Vem o da lei  
Diz-lhe “ainda é pouco!”

Ou, ainda, essoutro a Julieta da Graça do Espírito Santo, a “Dr.<sup>a</sup> Julieta” (como é conhecida), com quem não sei se o poeta terá convivido, mas que certamente admirava e a quem dedicou o poema “Mais feliz que Diógenes”:

Mais feliz que Diógenes  
À Dr.<sup>a</sup> Julieta Graça E.Santo

Diógenes anda, em pleno dia,  
Avançando a custo  
Indiferente ao riso que o seguia  
Com uma candeia acesa.  
Porquê? Até hoje, não há certeza...  
Disse-se só que à busca de alguém justo!

Mais feliz que o grego ilustre não busquei,  
Em vão, variando o rumo  
Senhora! Em vós achei  
O que buscou: - “uma dama com aprumo!”

S. Tomé, 5-2-74

Recorrente na sua poesia é a homenagem a figuras conceituadas da sociedade principense, como se vê no poema “A família “Mata””, ou aqueloutro dedicado à família Lavres; com figuras da cultura da ilha e do imaginário histórico-cultural do país, como San Bilanza, Mã Cuzo ou Mã Pedo<sup>4</sup>.

Conviveu também com intelectuais e escritores portugueses como o Prof. Hernâni Cidade, o Juiz Barbosa de Viana, António Cajão, Almada Negreiros, Mário Eloy ou o Dr. Jorge Falcão (seu condiscípulo no Colégio Calipolense).

---

Não se pode considerá-lo do grupo dos “Poetas da Casa dos Estudantes do Império”, como Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, António Tomas Medeiros e Maria Manuela Margarido, embora o espírito da sua poesia e a sua praxis poética fossem os mesmos daqueles “poetas políticos”, veementemente assumindo a sua ideologia nacionalista. “Poetas de gaveta”, mormente, a sua inclusão em Poetas de S.Tomé e Príncipe (1963) dar-lhe-á a projecção merecida enquanto poeta, pois o homem preferia continuar discreto.

### 3. As matrizes poéticas

Mas a poética de Marcelo da Veiga não se constrói apenas a partir da pulsão afectiva, sentimental e emocional (o espaço familiar, o contexto matricial da sua poesia lírica e o círculo de uma nostálgica e regeneradora afectividade). Pelo contrário, à margem do lirismo amoroso e telúrico, as figuras históricas e simbólicas funcionam como metáforas ideológicas na expressão do universo humano são-tomense, africano e universal. É como se o quotidiano da sua ilha natal, a omnipresença do mar (melhor, o fascínio do mar), a suavidade da luz matinal ou a beleza do arrebol só o fossem se se casassem com a paz mundial e a fraternidade e o bem-estar humanos.

Poeta-cantor de dores colectivas, em Marcelo da Veiga as convicções ideológicas não são negociáveis: não o serão durante o colonialismo, não vão sê-lo depois da independência. O seu discurso crítico e satírico é, sim, universal e o Homem é o único objectivo poético sagrado da sua escrita. E para expressar a sua dimensão humanista e a sua sólida disponibilidade universalizante, ao lado de símbolos e signos do universo negro-africano – o contexto motriz da sua produção poética – entrecruzam-se outros que já fazem parte da cultura e da história universais.

Com efeito, ao lado de políticos africanos como Lumumba (leia-se o poema “Lumumba”), desfilam Wilson Churchill (“Winston Churchill”), ao lado de figuras lendárias da História como Cipião, o Africano, Anibal Barca, Mandume ou Gungunhana, desfilam outras como Viriato, Abraham Lincoln: a celebração de Nat King Cole (“Nat King Cole – cançoneta”) e Duo Ouro Negro (“Duo Ouro Negro”), junta-se à de Amália.

Amália! Amália! Tu devias ter  
Sempre trinta anos! ser  
Sempre uma primavera  
Ser sempre a verde era  
(...)

Outrossim, o canto a Harriet Stowe (“Harriet Stowe”) ou Costa Alegre (“Costa Alegre”) completa o de Camões, (em muitos poemas), Bocage (“Bocage I” e “Bocage II”) ou Gomes Leal (“Gomes Leal”); tanto chora o poeta a injustiça da morte de Francisco José Tenreiro ou do Eng.º Salustino da Graça do Espírito Santo (“Para a campa do eng.º Salustino da Graça do Espírito Santo”), como a do Papa João XXIII (“Na agonia do Papa João XXIII”), a do escritor inglês Stephen Ward (“Stephen Ward (morreu): devasso inglês”) ou a do seu grande amigo e discípulo Dr. Jorge Falcão; se o seu grito é de revolta e lamentação pela precária situação das gentes de Príncipe (em inúmeros poemas) e pela guerra de Angola, também o é pelos inundações do Ribatejo. A sua admiração vai para as manifestações culturais de São Tomé e Príncipe – que celebra com extraordinária afectividade cultural: a dêxa, o ungolô, o inguererrê (jogo de cacete), o imbererrê, o socopé, o Baio Nun Xaá, as

festas do Upá-Bandiá (Picão, 13 de junho), o Auto de Floripes (vulgo: São Lourenço). Mas também vai para o fado, o “blues”, o “gospel”, o batuque das noites equatoriais, a “Marselhesa”, para a dimensão simbólica de uma Joana d’Arc ou de um pai Tomás...

Pai Tomaz

Pai Tomaz, quem é? É a dor que espera:  
Náufrago que pressente a madrugada  
Roble torcido, ferido pela nortada  
Que lhe deixa na seiva a primavera

Amadora, 1964

Marcelo da Veiga é, pois, **um poeta total**, um poeta cuja terra começou no Príncipe – mais precisamente em Omomó - e se expandiu pelo Mundo inteiro, rasgando caminhos bloqueados pelo ódio e pelas diferenças e fazendo uma poesia que é expressão de múltiplas sensibilidades: cantou a África e a Europa – duas entidades metaforicamente dissonantes em contexto colonial:

A cartilha deles (colonos brancos)

A cartilha é só uma, e, nela,  
Três palavras que lêem a uma voz  
Em um coro que gela,  
Reboante, feroz:  
- “Tudo para nós...”

Por isso, só miséria é que ficou  
Onde a sua mão rapace tocou.

S.Tomé, 14-11-73

Cantou o Homem negro e o Homem branco, repudiou o colonialismo, a ditadura e a intolerância, viveu do Amor, da Amizade, da Esperança e dos ideais do Homem Universal. Enfim, viveu da Poesia. Mais do que só são-tomense, Marcelo da Veiga é um “cidadão do mundo”:

Direito à Liberdade

Vem com o primeiro vagido  
E fica, no nosso peito,  
À espera, comprimido,  
Da sua hora esse direito.

Como um grão num fundo escuro,  
Que mal vê a claridade,  
Incha e rompe do chão duro,  
É assim na alma a Liberdade.

Não se faz à escuridão  
Pra onde a jogam para a afogar,  
Assim que a bafejar o ar,  
Se erguerá tal qual o grão.

Por isso, o ímpeto feroz  
Do seu sofrer duro e longo

Que em Noventa foi algoz,  
Viverá;não parou no Congo!

NOTAS

<sup>1</sup> Palestra proferida no dia 05 de setembro de 1997, no *hall* do Cinema Marcelo da Veiga, em São Tomé, assinalando a oficialização da Associação dos Amigos do Cinema Marcelo da Veiga. Em 1998 passou a integrar a obra *Diálogo com as ilhas: sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*.

<sup>2</sup>Nota bibliográfica” in Manuel da Veiga, *O canto do Ossôbó, Linda-a-Velha, ALAC, 1989, p. 9.*

<sup>3</sup>*Ibidem*

<sup>4</sup>Uma figura recorrente do *corpus* dedicatório da poesia de Marcelo da Veiga é D. Ana Luís Brito, cuja identidade é, ao que julgo, até agora desconhecida.

---

<sup>i</sup> Professora de Literaturas, Artes e Culturas (LAC) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigadora do Centro de Estudos Comparatistas (CEComp/FLUL) e diretora do Doutoramento em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda. É doutora em Letras pela Universidade de Lisboa e pós-doutora em Estudos Pós-coloniais (Postcolonial Studies, Identity, Ethnicity, and Globalization) pela Universidade de Califórnia, Berkeley. Atua, no ensino e na investigação, principalmente na área dos estudos pós-coloniais, e interessa-se pelos seguintes temas: literaturas e culturas africanas, relações estéticas entre literaturas em português, literatura-mundo, estudos de memória, produção literária de autoria afrodescendente em Portugal e comunicação intercultural. Professora visitante de muitas universidades estrangeiras, é igualmente membro do Conselho Editorial e Científico de muitas revistas de especialidade, nacionais e estrangeiras.